

**MAR DE GENTE ANÓNIMA  
NO ADEUS A ZECA AFONSO**

**LÁGRIMAS NOS OLHOS  
«GRÂNDOLA»  
NAS GARGANTAS  
CRAVOS VERMELHOS  
NA MÃO**

Ontem foi o derradeiro adeus. Depois das homenagens e dos louvores que se multiplicaram nas últimas horas — e que tanto lhe faltaram em vida... —, Zeca Alonso recolheu à terra, ontem à tarde, no cemitério de Nossa Senhora da Piedade, em Setúbal. Foi a última e a mais longa homenagem.

Cerca de 50 mil pessoas, segundo Luciano Rocha, correspondente do JN em Setúbal, acompanharam ontem o funeral de Zeca Alonso. A urna, coberta com um simples pano vermelho, de cetim, demorou mais de duas horas a percorrer os es-  
cassos dois quilómetros que separam a Escola Secundária de S. Julião — onde o corpo esteve em câmara-ar-  
dente — do cemitério de Nossa Senhora da Piedade.

Nem o tempo frio nem a chuva miúda, que durante toda a noite anterior e parte do dia de ontem se fizeram sentir em Setúbal, foram suficientes para afastar uma multidão que protagonizou, no adeus a José Alonso, a maior manifestação até hoje realizada nesta cidade.

Enquanto outros homens do mesmo ofício do Zeca se revezavam a transportar aos ombros os restos mortais do

autor de «Grândola vila morena» (entre eles, José Mário Branco, Luís Cília, Júlio Pereira e Sérgio Godinho), as pessoas, que se apinhavam

bre foi acompanhado por uma banda filarmónica de Grândola que tocou, quase ininterruptamente, a «Grândola, vila morena» e uma marcha intitulada «Cometa».

O cortejo era encabeçado por duas viaturas funerárias e uma camioneta carregada de cravos vermelhos. Logo atrás da urna, seguiam a mulher e os filhos de José Alonso.

Entre a multidão, via-se

pelo MDP, e Mário Tomé, pela UDP. Também presentes Manuel Lopes e José Luis Judas, em representação da CGTP.

O presidente da República, em visita ao distrito de Bragança, fez-se representar pelo presidente da Câ-

Como não podia deixar de ser, também muitos cantores, alguns iniciados na vida artística por Zeca Alonso, não quiseram deixar de estar presentes, mostrando a sua gratidão e carinho. Além de alguns já referidos, também Pedro Barroca, Jmi-

«O QUE MAIS ME PRENDE À VIDA  
NÃO É AMOR DE NINGUÉM:  
É QUE A MORTE DE ESQUECIDA  
DEIXA O MAL E LEVA O BEM»

aos milhares ao longo do trajecto, espalham o punho e lançavam cravos vermelhos sobre a urna.

Havia quem se benzesse e mesmo quem chorasse, contrariando assim a vontade do cantor, que não queria tristezas na sua morte. Talvez por isso, o cortejo fune-

antigos capitães do Movimento das Forças Armadas (Vasco Lourenço e Salgueiro Maia, em representação da Associação 25 de Abril) e dirigentes de partidos de Esquerda: Lopes Cardoso, pelo PS, Octávio Pato, pelo PCP, Ramalho Eanes, pelo PRD, José Manuel Tengerinha,



mara de Setúbal, Mata, Cáceres.

Outras personalidades estiveram presentes a título meramente pessoal. Tal foi o caso de Manuel Alegre e da secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrícia Gouveia.

A Assembleia da República enviou uma delegação, composta por representantes de todos os partidos políticos que ali têm assento e presidida por Carlos Laje,

ta Salomé, Carlos do Carmo e Paço Bandeira, entre muitos outros.

Mas não eram apenas portugueses os artistas presentes. De Espanha vieram Pi de La Serra e Benedicto que, aos 15 anos, estava em Santiago de Compostela quando Zeca Alonso cantou, pela primeira vez, «Grândola, vila morena».

Também o desporto se fez representar. Lá estavam Jacinto João, ex-futebolista

do Vitéria de Setúbal, Diamantino, internacional do Benfica, e o treinador Joaquim Melrís.

Para além dos familiares e de pessoas que o público conhece, acompanharam Zeca Alonso, sobretudo, milhares de pessoas anónimas, gente de todas as idades e estratos sociais, estudantes, operários, camponeses, empregados de escritório, desempregados, donas de casa.

Na mão de cada presente, pelo menos um cravo, na sua maioria vermelho, como vermelho era, conforme o cantor quis, o pano que cobria o caixão. Zeca Alonso, na sua última vontade, não quis que ninguém vestisse de luto neste dia em que foi a enterrar.

Não será exagero dizer que, ontem à tarde, em Setúbal, todos os caminhos iam dar ao cemitério de Nossa Senhora da Piedade, onde José Alonso foi a enterrar em campo raso com o número 1808, no quadro 19.

E se o velho cemitério de Setúbal não conseguiu acolher todos quantos se inscreveram no último adeus ao cantor da fraternidade e da revolta, a verdade é que ele se transformou num verda-

deiro mar de cravos vermelhos. Por todos os lados se viam coroa de flores traidas por grupos de trabalhadores, de alunos ou de amigos, mas também mãos a segurar um talco cravo (que se esgotaram em todas as floristas em Setúbal).

Um dia, José Alonso cantou «Venham mais cinco». Ontem, em Setúbal, vieram cerca de 50 mil, alguns dos quais de muito longe, do Alentejo tão perto e tão distante, do Norte, de todo o país.

Ao menos na hora da morte, José Alonso conseguiu aquilo por que sempre lutou: a unidade de portugueses de várias quadras políticas. Como afirmou na véspera do enterro no nosso jornal o dirigente da CGTP-IR, José Luis Judas: «Portugal perdeu um grande artista, os trabalhadores um grande camarada».

José Alonso morreu, mas, como também prometeu Sérgio Godinho, «o Zeca continuará neutros cantores por-

que foi ele quem os fez cantar».

Ontem, no enterro de José Alonso, houve, a par de lágrimas em muitos olhos, cantigas em muitos gargantos e cravos vermelhos em todas as mãos.

#### • Manifestações de pesar

Entretanto, os votos de pesar continuaram a chegar durante todo o dia de ontem. Organizações partidárias e sindicais associaram a dor à homenagem na morte de José Alonso, nome a quem associam, invariavelmente, a liberdade.

O Partido Socialista apelou às autoridades para que o nome de José Alonso «tenha merecida consagração na democracia portuguesa».

Um comunicado difundido no termo de uma reunião do Secretariado Nacional dos socialistas refere que a voz de José Alonso «foi um hino à liberdade e exprime a resistência de todo um povo a ditaduras».

No Porto, a Assembleia Municipal aprovou por unanimidade moções propostas por APU, PS e PRD, homenageando Zeca Alonso.

A União dos Sindicatos do Porto (USP), a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços e o Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local elaboraram igualmente comunicações de homenagem ao autor de «Vampiros».

«Uma figura exemplar de artista e cidadão cuja obra perdurará como património cultural e como bandeira de paz e solidariedade entre os povos», foi a expressão usada pelo Conselho Português para a Paz e a Cooperação evocando Zeca Alonso.

Votos de pesar e manifestações de homenagem vieram ainda da secção de Matanilde (Vila Nova de Gaia) da Juventude Socialista e da Câmara e Assembleia municipais de Santiago do Cacém.



Coimbra: «Do Choupal até à Lapa»

## ESTUDANTES ACENDERAM ARCHOTES E DESFILARAM MADRUGADA DENTRO

Cerca de três centenas de estudantes universitários percorreram, na madrugada de ontem, as ruas de Coimbra, a partir das zero horas, empunhando archotes e entoando antigas canções de José Afonso.

O desfile, que culminou no Largo da Sé Velha, local tradicionalmente ligado à canção de Coimbra e onde José Afonso realda, foi engrossando ao longo das artérias principais da cidade, onde o falecido compositor se licenciou e despertou para a música.

Convocada meia hora antes do seu início pelo Conselho das Repúblicas de Coimbra, e difundida através dos microfones da Rádio Universidade, a manifestação de pesar suscitou desde logo a adesão de largas dezenas de estudantes.

Elementos ligados aos organismos autónomos da Associação Académica, designadamente ao Orquestra Académica, do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra e da Tuna Académica, associaram-se, a esta última homenagem da cidade que elegeu «Zeca» Afonso como seu maior.

Estudantes empunhando archotes e símbolos das diversas repúblicas integravam o desfile, encimado pela bandeira negra, que é o símbolo da Associação Académica.

Dois autocarros com representantes das secções e

organismos autónomos da Académica, e também das repúblicas, deslocaram-se ontem a Setúbal, para integrar o funeral do autor de «Grândola, vila morena».

O nome do poeta, entretanto, vai ser atribuído a uma rua de Coimbra, de acordo com uma deliberação do Executivo municipal na sua última reunião. A Câmara decidiu também exprimir um voto de pesar pela morte do artista e fazer-se representar no seu funeral. José Afonso foi homenageado pela Edilidade coimbricense que lhe atribuiu então a Medalha de Ouro da cidade.

### • «Luto repúblico» no Porto

No Porto, o Conselho das Repúblicas da Universidade do Porto deliberou ou decretar «luto repúblico» por uma semana, «respeitando contudo a vontade do cantor». Num documento emitido após reunião, os estudantes daquele organismo «lamentam que aqueles que sempre o mantiveram esquecido, desprezando-o e igno-

rando-o, venham agora lamentar a sua perda», compensando tal facto «com a posição das instituições espanholas, que sempre ampararam e ajudaram Zeca Afonso».

## «NUNCA TE SEDUZIRAM MEDALHAS

### E SORRISOS DE PEDRA»

Os réus do segundo julgamento do «Caso FUP/FP-25» no Tribunal de Monsanto prestaram ontem homenagem à memória de José Afonso, em mensagem colectiva enviada à agência «Lusa».

«Todos os dias te lembramos» — dizem no documento os 12 réus presentes.

«Tiraste sempre a prova dos nove — afirmam os subscritores — sempre na contestação, no assunir de uma marginalidade, ensinaste-nos que só a utopia do futuro reconforta o pessimismo da história».

O documento refere: «Estavas conosco nas noites em que fugíamos e

distancávamos, à frente da Polícia, salido das sessões onde cantávamos, pela surrealista da noite, o direito à liberdade — distribuías então a utopia da nossa sobrevivência em tempos em que a cultura era alimento proibido. E alimento proibido é fonte de matar».

«Nunca te seduziram — terminam os réus — as medalhas e sorrisos de pedra com que o Poder por vezes te aconcha. Procuravam utilizar-te como bandeira para serem falados como mensageiros de bondade e do reconhecimento que lhes abrangava a má consciência».

# A VOZ DE ZECA AFONSO NO JN

Política 5

**ZECA AFONSO**  
da Revolução que houve  
à contra-revolução que há

**HOJE É MAIS TEMPO  
DE FALAR DOS «VAMPIROS»  
QUE DE «GRÂNDOLA»...**



...de uma entrevista com Zeca Afonso, que seria uma das suas últimas grandes entrevistas. Então, já corroido pela doença, Zeca falou do fascismo — que «existiu mesmo!» — dos vampiros, de antes e depois de Abril, de Otelo preso («porque estamos em plena contra-revolução»). Foi também uma expressão do presente do cantor-compositor, já impedido de cantar: de um disco para surgir, da acção política possível — «uma acção cívica duradora: actos constantes de solidariedade». Foi o último grande testemunho de Zeca Afonso. O JN deu-lhe voz.



**BCA**  
Comércio de Automóveis, Lda.  
**COMUNICADO**  
SAYERS - COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, Lda.  
M.A.N. VW



UMA CASA DE CAL DE ALGUMA  
A PENA NÃO SE TEM SUCESSO



Foi há quase dois anos, mais precisamente em 25 de Abril de 1985, que o JN publicou um entrevista com Zeca Afonso, que seria uma das suas últimas grandes entrevistas. Então, já corroido pela doença, Zeca falou do fascismo — que «existiu mesmo!» — dos vampiros, de antes e depois de Abril, de Otelo preso («porque estamos em plena contra-revolução»). Foi também uma expressão do presente do cantor-compositor, já impedido de cantar: de um disco para surgir, da acção política possível — «uma acção cívica duradora: actos constantes de solidariedade». Foi o último grande testemunho de Zeca Afonso. O JN deu-lhe voz.